

AS MEMÓRIAS ESQUECIDAS DE MAMURETEU: HISTÓRIA E RESENTIMENTOS DE UM REZADOR

Walter Braga da Silva

Mestrando do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e Professor do ensino básico (SEDUC-AM)

Geraldo Jorge Tupinambá do Valle

Professor da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – (PPGICH). Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP), no Departamento de Geografia Humana pela (USP).

<https://orcid.org/0000-0003-1740-6552>

Sou mestre na arte de falar em silêncio, passei minha vida toda conversando em silêncio e em silêncio acabei vivendo tragédias inteiras comigo mesmo. Oh, pois eu também era infeliz! Fui desprezado por todos, desprezado e esquecido, e ninguém, absolutamente ninguém sabe disso! (Dostoievski, 2009, p. 34)

Resumo: Este artigo apresenta uma análise das memórias narradas de José Milton (Mamureteu), um indígena urbano, sob a ótica crítica da filosofia do progresso e dos ressentimentos gerados pelos estereótipos e preconceitos enfrentados. A obra baseia-se em entrevistas orais e relatos autobiográficos de Mamureteu, explorando suas experiências de vida em uma sociedade moderna e progressista. O método de análise adotado combina uma abordagem etnográfica com a crítica pós-colonial, evidenciando as contradições entre o discurso do progresso. São examinadas as maneiras como Mamureteu adaptou-se às características da sociedade moderna, mantendo vivas ou resignificando suas práticas tradicionais de reza e cura, dentro de uma comunidade periférica urbana. Os resultados indicam que essas práticas, além de serem formas de resistência, em seu diálogo sociocultural, nas suas ações cotidianas, reforçam a importância de suas experiências para a compreensão da relação entre progresso, identidade e exclusão social. Os ressentimentos acumulados ao longo de sua trajetória também se manifestam nessas interações e vivências, revelando as tensões entre sua identidade e as pressões do ambiente em que vive.

Palavras-chave: Memórias, Manaus, Indígena urbano, Cultura, Progresso, Sociedade

INTRODUÇÃO

Na Zona Leste de Manaus, capital do Estado do Amazonas, encontra-se a comunidade urbana do Valparaíso, que não é muito diferente de outras periferias urbanas da cidade. Apesar das dificuldades e desafios dessa realidade periférica, a busca por conhecimento e conexão comunitária continuava viva.

Na Escola Municipal Dom Jacson Damasceno Rodrigues, EJA – Noturno (Ensino de Jovens e Adultos) – 2023, os moradores da comunidade de Valparaíso encontram um espaço para ampliar seus horizontes e compartilhar suas histórias. As singularidades das experiências, dentro daquele grupo de alunos, aproximaram por meio de suas histórias compartilhadas, criando um vínculo profundo e genuíno, íntimas, ao descreverem seu cotidiano para dialogar com as aulas. Nesse ambiente de aprendizado e troca, em julho de 2023, encontrava-se Raquel, aluna e moradora, que numa das aulas, comentava sobre um amigo que rezava, curava quebranto, rasgadura. Um indígena urbano, que já estava a um tempo em Manaus, seu vizinho, que aguardava sentado em uma rede atada entre duas árvores, numa pracinha do lugar, a procura de pessoas em busca de rezas, chás (garrafada), curas e benzeduras. Como interagia, resistia e se relacionava com o meio, sustentando sua identidade num meio que o discrimina, por sua etnicidade. Essa interação revelava a importância do resgate de suas memórias, contribuindo para a sua resistência em um ambiente que muitas vezes o discrimina. São as memórias de um homem amazônico, que a partir de suas singularidades culturais, apoia-se nelas, nos saberes apreendidos, não como protagonista, mas um figurante, consciente dos hibridismos e suas consequências, comuns nos tempos modernos.

O indígena urbano se dilui nas periferias das cidades, não tem lugar nos centros, a não ser no mostruário das feiras, suas ideias perdem força e são substituídas por outras, teve que mudar, aceitou o progresso, mas o progresso não o aceitou, pego no limbo se apegou a uma identidade que teimava em permanecer, adaptou seu conhecimento com outros, criando mais uma explicação para o seu jeito de ver o mundo, utilizando a história oral como ferramenta para captar seus relatos e ideias internalizadas, através de suas memórias selecionadas como afirma Thompson (1992, p. 153): *“Que o processo da memória depende não só do processo de adaptação do indivíduo mas também de seu interesse, uma lembrança é muito mais precisa quando corresponde a um interesse e necessidade social.”*

A História oral, é de uma contemporaneidade que, de certo modo pode tornar mais compreensível para o jovem, as memórias resgatadas do tempo presente. Segundo Halbachws (2006), a memória seria uma construção social, constituin-

do-se a partir das relações mantidas entre os indivíduos e grupos, da maneira que os mesmos interagem entre si, em aspectos socioculturais. Um roteiro prévio foi elaborado, para uma entrevista semiestruturada, abordando os temas relevantes e permitindo flexibilidade para incluir questões adicionais conforme necessário. Para Manzini, essa abordagem possibilita uma exploração mais livre dos temas, sem restringir as respostas a alternativas pré-determinadas, ao contrário da entrevista estruturada, que limita as respostas a um questionário predefinido (Manzini, 1990/1991, p. 154). O contato com Mamureteu ocorreu em seu ambiente de trabalho, onde ele gentilmente se dispôs a responder algumas perguntas. Em meio à sua rotina, ele compartilhou suas vivências, abordando aspectos de sua trajetória como indígena urbano

Considerando o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE de 2022), 71.713 pessoas que se identificam como indígenas, Manaus é a cidade com maior número de indígenas urbanos do Brasil, nos últimos anos, temos presenciado um fenômeno importante: o crescimento do número de indígenas urbanos.

Essa transição, que reflete as mudanças sociais e culturais pelas quais passam diversas comunidades indígenas, traz consigo desafios para essas populações, as contradições sociais, culturais, a busca desigual pela adaptação em Manaus, agora, seu lugar, e que para diversos povos indígenas que buscam melhores oportunidades de emprego, acesso a serviços básicos, educação, saúde, infraestrutura, saneamento básico e oportunidades de trabalho e uma vida mais conectada ao mundo moderno, o indígena na cidade *“é pensado como um indivíduo deslocado, fora de seu próprio mundo, em contradição com a essência de seu ser”* (Nunes, 2010, p. 16).

A adaptação à vida urbana muitas vezes implica em enfrentar a discriminação e o preconceito, choque cultural que arrefece seus costumes, a ausência de políticas adequadas para o acolhimento e integração desses indígenas criam dificuldades dos mesmos para adaptar-se à urbanidade, ser aceito e aceitar essa modernidade inventada que é pautada em valores que alimentam a diferença, potencializada pelo “progresso” que acompanha a civilização humana rumo a uma padronização que sempre embala, engessa, estereotipa o diferente, gerando preconceito, que o simplificam e generalizam, tornando-as estereótipos negativos, dessa formação de conceitos pelos outros, são reproduzidas nos imaginários, construídas culturalmente, expandida nas interações, e interferem, parte das vezes inconscientemente, nas relações sociais, onde sociedade institui rótulos sociais, e os torna algo natural e normal. (Goffman, 1980).

Em sua obra “Dialética do Esclarecimento”, publicado em meados do século XX, Theodor Adorno, juntamente com Max Horkheimer (1985), critica a filosofia

do progresso. Nesse livro, os autores abordam a noção de que a razão instrumental, que se desenvolveu com a ascensão da modernidade, levou a uma racionalidade que resultou em dominação, exploração e opressão desconsiderando as consequências negativas desse progresso, como a destruição ambiental, a padronização cultural, a alienação e a fragmentação social:

A humanidade, cujas habilidades e conhecimentos se diferenciam com a divisão do trabalho, é ao mesmo tempo forçada a regredir a estágios antropológicamente mais primitivos, pois a persistência da dominação determina, com a facilitação técnica da existência, a fixação do instinto através de uma repressão mais forte. A fantasia atrofia-se. A desgraça não está em que os indivíduos tenham se atrasado relativamente à sociedade ou à sua produção material. Quando o desenvolvimento da máquina já se converteu em desenvolvimento da maquinaria da dominação – de tal sorte que as tendências técnica e social, entrelaçadas desde sempre, convergem no apoderamento total dos homens [...] A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão. (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 41).

A crença no progresso contínuo e irreversível leva à adoção acrítica de tecnologias e sistemas de produção que, em última instância, reificam e alienam os indivíduos, resultando em uma sociedade cada vez mais desumanizada. Partindo desta perspectiva, mesmo que pessimista, que induz a uma falta de diálogo entre o progresso e as transformações, mudanças sociais, a realidade existencial de um homem indígena, que migra para a cidade com sua cultura, valores e saberes encarando uma outra realidade, que o encara de forma diferente, com uma curiosidade negativa.

ENTRE O PROGRESSO QUE DILUI E O SABER QUE O SUSTENTA:

E neste sentido procuramos compreender através do resgate das memórias de José Milton, Mamureteu, morador da comunidade urbana Valparaíso, situado na Zona Leste de Manaus, um homem indígena amazônico, possuidor de saberes de reza, benzeduras, e seu diálogo social com uma urbanidade, capitalista e progressista, em contraste a uma realidade socioeconômica marcada por desafios e adversidades.

O preconceito é uma das principais barreiras que o indígena enfrenta ao migrar para a cidade. Eles são frequentemente alvo de estereótipos e discriminação,

sofrendo preconceitos baseados em sua origem étnica e sua aparência física. Tal preconceito pode se manifestar de diferentes formas, desde olhares desconfiados até ofensas verbais e exclusão social. Essa discriminação muitas vezes se reflete no âmbito econômico, dificultando a inserção do indígena no mercado de trabalho. A falta de oportunidades, aliada ao desconhecimento e estereótipos negativos associados aos indígenas, resulta em dificuldades para encontrar empregos decentes e bem remunerados. Isso pode levar o indígena a ocupar cargos precários e mal remunerados, o que perpetua um ciclo de desigualdade e dificulta sua ascensão social.

Ao se distanciar do perfil esperado do que é ser índio (aquele que vive na floresta, distante do restante da população), eles afirmam ser tachados de: aculturados, ou seja, integrados ao mundo não indígena. Portanto, são invisibilizados e isso se reflete na completa ausência de políticas públicas voltadas para esse grupo específico. Essa invisibilização não contempla os inúmeros fatores que motivaram o deslocamento desses povos para o contexto urbano. 1) expulsão dos territórios; 2) crescimento das áreas urbanas e a consequente aproximação com as aldeias; 3) busca por melhores condições de vida, como trabalho, educação formal, saúde etc. (Risiu, 2020, p. 5).

Outro aspecto importante é a perda do contato com a natureza e com a própria cultura indígena. A migração para a cidade muitas vezes implica em uma distância geográfica significativa de sua comunidade e de seu ambiente natural.

Segundo o Apurinã José Milton Mamureteu, que mora na periferia de Manaus, na comunidade do Valparaíso, enfrentar obstáculos é um desafio constante nas lutas pelos melhores padrões de vida em Manaus: “Infelizmente, a maioria de nós vive muito mal, sem emprego, vive de camelô, artesanato, como já falei, mora mal, assim distante, onde o poder público não olha, nessa comunidade aqui, nessa periferia, não tem infraestrutura nenhuma, muita violência, esses meninos todos no tráfico né? Não tem dinheiro, a maldição do mundo é o dinheiro. Eu, aqui ajudo as pessoas com o que aprendi, com o meu conhecimento que aprendi com os meus parentes, eu ajudo as pessoas e elas me ajudam”.

A forma como estes conflitos afetam Mamureteu, suas memórias esquecidas, são carregadas de ressentimentos, e balizam sua narrativa.

A categoria de investigação histórica “memória e ressentimentos” se refere ao estudo e análise de eventos passados que geraram ressentimentos duradouros

e traumas coletivos em determinadas comunidades ou sociedades. Essa área de pesquisa aborda a maneira como certos acontecimentos históricos continuam a influenciar a memória coletiva, gerando sentimentos de ressentimento, injustiça ou revolta, segundo Ansart:

As descrições de Nietzsche e de Scheler são, nesse ponto, hesitantes: elas insistem ora na ruminação, na incapacidade do indivíduo de manifestar seu ressentimento, ora na extensão dos signos, dos sintomas e das manifestações abertas ou desviadas dos ressentimentos. Estas hesitações apontam para uma questão essencial: dificilmente se pode aceitar a hipótese de que um sentimento do qual sublinhamos a intensidade e a força, não tenha consequências nem manifestações nas condutas dos indivíduos. O ódio recalcado de que fala Nietzsche é dinâmico e indissociável de certas aspirações, particularmente dos desejos de vingança. Max Scheler assinala esta dinâmica do ressentimento como criadora de valores, ou seja, de finalidades sentidas como desejáveis pelos indivíduos e que eles buscam realizar. A questão essencial, colocada às vezes de difícil resposta, é a necessidade de compreender e explicar como o ressentimento se manifesta, a quais comportamentos serve de fonte e que atitudes e condutas inspiram, consciente ou inconscientemente. (Ansart, 2004, p.21).

A investigação histórica sob o viés da memória e ressentimentos busca compreender como eventos históricos, como conflitos étnicos, guerras, opressão colonial, genocídios, segregação racial, entre outros, deixaram marcas na memória social e como essas lembranças moldam as percepções e identidades das comunidades afetadas. Dessa forma, os estudos dentro dessa categoria buscam entender os ressentimentos e memórias coletivas que surgiram a partir de eventos históricos traumáticos, buscando elucidar como esses elementos afetam as relações sociais, o poder político, a construção de identidade e a busca por justiça e reparação.

Assim como as grandes narrativas históricas moldam coletividades, as memórias individuais também desempenham um papel importante na forma como nos conectamos com o mundo ao nosso redor, influenciando nossas ações e encontros cotidianos. Foi com esse pensamento em mente que, depois de alguns agendamentos desmarcados, fui ao seu encontro nos arredores da Escola Municipal Dom Jacson Damasceno, na comunidade Valparaíso, entre ruas e vielas perdi-me algumas vezes, o GPS me levava para mais longe, depois de algumas voltas

encontrei a casa de minha guia Raquel, que me levou ao seu encontro.

A praça é um espaço aberto, batido de barro, com algumas gramas ao redor do centro e alguns banquinhos em concreto, pés de castanholeira e jambeiro que margeiam um igarapé encaixotado, que virou Rip Rap (toda espécie de esgoto direcionado para seu leito), no verão e sem chuva o odor não incomoda tanto, o vento forte refrescava um pouco o calor úmido e abafado.

De longe o enxerguei, estava avisado que o procuraria, aguardava sentado numa rede atada entre o Jambeiro e a Castanholeira, paramentado com um cocar e colar de dentes de Jacaré, esperou me aproximar, sorrimos e nos cumprimentamos, observei ao redor, falamos sobre como estava agradável o tempo, explicou a manufatura de seus acessórios nativos, ainda se embalando na rede, perguntou:

- Mas sim professor, o que que o senhor quer mesmo, assim, eu tenho garrafada pra tudo, faço benzedura e defumação...
- Pode me chamar de Walter, e gostaria de ouvir sobre seus dons para uma entrevista, que é para uma pesquisa da UEA, sobre as pessoas que curam com rezas, benzeduras, e mais que o Senhor puder me dizer. (José Milton Mamureteu, indígena urbano, Manaus. 2023)

No diálogo com o entrevistado, o objetivo era conduzir a entrevista sem cometer excessos de violência simbólica, evitando que meu juízo, configurado por estereótipos, afetasse o desenrolar da conversa. Era fundamental reconhecer meus próprios preconceitos e influências para tentar ser o mais justo e objetivo possível ao entender sua trajetória de vida (Bourdieu, 1998). O instruí da possibilidade da permissão para identificá-lo, gravada em áudio, da transcrição de sua fala, que narrasse sua origem, sua cultura de cura e rezas, desmentiduras, quebrantos, (termos relacionados a práticas de cura popular, especialmente em contextos de culturas tradicionais e no uso de saberes ancestrais), como se relaciona com a comunidade, da sua importância em resguardar esse saber, em como se sentia inserido, acolhido naquele contexto sociocultural.

Sentado num tamborete que me foi oferecido defronte a sua rede, trocamos um olhar risonho de alguns segundos em silêncio, meio que estudando a face um do outro, aparentava velhice, mas seus cabelos eram pretos, lustrados, seu sorriso era vazio de alguns dentes, mas orgulhoso com uma altivez tímida, sutilmente revoltada:

- Eu me chamo José Milton, sou índio, na minha língua, meu nome de guerra é Mamuriteu, na língua do índio né? Na portuguesa eu sou José

Milton, eu sou cacique há 40 (sic) anos, mas eu saí da minha aldeia com 9 anos, vim com meus pais, com a igreja quando aceitaram o evangelho, beirando o rio até chegar por aqui. Eu nasci em Sapatini, do Sapatini eu veio pro Pariri, seguindo o Purus, sou Apurinã, mas nunca perdi o meu costume, a minha função nunca perdi. (José Milton Mamureteu, indígena urbano, Manaus. 2023)

Interpretar a violência das circunstâncias não percebidas nas palavras de Mamureteu remete à ideia de Eclea Bosi (1987), de que a memória é socializada pela linguagem, que destaca seletivamente o que deixou marcas e ressentimentos. Cada vez que se acessa essas lembranças, são vistas de novos ângulos. O passado nunca é revisitado exatamente como foi, mas é moldado pela consciência, especialmente após o contato com outra cultura. Esse processo secular de colonização normatizou mudanças de costumes e a folclorização dos saberes, como a prática milenar da cura por pajés. Com o processo de invasão das terras indígenas pelos colonizadores e o contato com missionários cristãos, muitas práticas religiosas e curativas da cosmologia dos povos indígenas foram sendo perseguidas e invisibilizadas nos grupos indígenas cristianizados. “*Contudo, os saberes e fazeres da cosmologia desses povos não deixaram de existir, pelo menos não totalmente*”. (Maués; Villacorta, 2008).

- Ninguém gosta de índio aqui, acha que a gente mente, engana eles, eu não, aqui eles me respeita... de repente levantou, pôs o cocar, tirou o documento do bolso e entregou-me, e apresentou-se também:

- Eu tava aqui, ainda ontem lembrando com um irmão, que desde pequeno, nessa idade né? Eu já tirava casca do Pau-mulato, cortava em 7 pedaços, botava de molho, ainda passava a noite no sereno, aí noutro dia, podia tomar banho com aquela água...

Pergunta - E pra que servia Seu José?

- Pele, pra ela esticar... mulher nova se passar, brilha de noite, tira as pelanca tudo.

- Agora que ninguém quer saber mais, mas eu faço, outra coisa que dependendo do caso, é a cura com defumação, sabe como cura? Lá na aldeia o Pajé usa rapé, esfrega na mão, passa por cima, sopra né?

Pergunta - O Senhor faz a defumação aqui, em Manaus?

- É difícil professor (teima em me chamar de professor), é mais a reza né? Que serve pra quebrante, panema, aqui tem muita criança, mas tem demais... sempre elas vêm aqui, por que o menino não para de chorar de noite, e aqui eu atendo né? Eu fico aqui apreciando e sempre vem gente... eu não cobro, nunca, eles é que me dão.

Pergunta - Na reza, pra quem o Sr. Apela?

- Deus me usa né, eu não tenho santo.

Pergunta - O senhor já rezou de outra forma? Outro apelo?

- Já, já, né?

Pergunta - Pra quem, ou pra quê?

- Olha rapaz, eu rezo, eu faço defumação, então eu invocava, usava tesoura pra passar por cima, bacia virgem, água de cachoeira, todo essas coisa, hoje eu oro né, mais meu costume nunca deixei, pego desmentidura, tudo eu faço, então depois que aceitei Jesus, já estava com 39 anos, aí eu parei de rezar, por que tava seguindo o evangelho né? E hoje eu preciso, eu preciso...você vê muitas crianças aqui, por perto com quebrante, com dor de barriga, uma senhora, um senhor, eu ajudo como posso, eu pego uma folha, eu esfrego, eu passo orando, acontece a cura né? tem que ter fé, mas sempre falo também pra procurar o médico também. (José Milton Mamureteu, indígena urbano, Manaus. 2023)

Ao lembrar do passado, Mamureteu recorda as influências que o fizeram sair da comunidade Apurinã, aos 9 anos, a conversão de sua família ao cristianismo, migrando entre cidades até chegar a Manaus. A maneira que sincretiza sua cultura às outras é típica da pajelança, há muito mesclada de outras culturas, resistir para não sumir. Para Maués, as características da pajelança têm em suas expressões diversos elementos da religiosidade indígena, africana e católica, (MAUÈS, 1984).

Ora, Mamureteu representa de certa forma, resistência ao culto ao trabalho e o progresso, vive de sua sabedoria, apesar de ser visto com desconfiança, trouxe consigo uma vivência ancestral, uma conexão com a natureza e um jeito peculiar de enxergar o mundo, encontrou no seu conhecimento e na sua cultura uma força para enfrentar os desafios impostos pela cidade, abastecido pelos ensinamentos de seus antepassados, pela tradição oral e pela capacidade de observar os detalhes mais sutis da natureza, mesmo não fugindo dele, como o anjo da história de Walter Benjamin:

Ele tem seu rosto voltado para o passado (...), mas o paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual dá as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que nós chamamos de progresso é essa tempestade. (Benjamin, 2005, p. 87).

Essa citação extraída de sua obra “Teses sobre o conceito de História”, discute o conceito de progresso, o anjo da história, descrito por Benjamin, tem o rosto voltado para o passado, ou seja, ele olha para trás e enxerga escombros acumulados pela história. Benjamin argumenta que o progresso não é necessariamente algo positivo, mas destrutivo, uma força que nos impulsiona para o futuro sem que possamos controlá-la. Essa tempestade do progresso nos afasta do passado e nos impede de enfrentar e lidar com os escombros que se acumulam. Ao mencionar que a tempestade é tão forte que o anjo não pode mais fechar suas asas, Benjamin sugere que a sociedade está perdendo a capacidade de refletir, questionar e avaliar o progresso. O anjo representando a humanidade, está sendo arrastado pelo progresso sem conseguir resistir ou escolher conscientemente outra direção. Desse modo Benjamin critica a noção de progresso linear que domina o pensamento moderno e argumenta que é necessário olhar para o passado e levar em consideração os erros e traumas acumulados ao longo da história. Ele nos convoca a refletir sobre a nostalgia, o esquecimento, a violência e a alienação presentes no processo de progresso. Convém aqui, neste artigo, buscar na memória os efeitos do ressentimento causado pelo progresso (no devido contexto), nas ações que poderiam ser desencadeadas por eles, visto que a trajetória de Mamureteu ocorreu à margem de uma sociedade idealizada nestas paragens: eurocêntrica, cristã, capitalista, com uma estética étnico-cultural estereotipada que ignora o indígena, numa região que deveria ser identidade predominante, sobre ressentimento, SCHELLER (1994), define:

Ressentimento é uma atitude mental duradoura, causada pela repressão sistemática de certas emoções e afetos que são componentes normais da natureza humana. A repressão dessas emoções leva a uma tendência constante de permitir atribuir valores incorretos e juízos de valor correspondentes. As emoções e afetos primordialmente referidos são vingança, ódio, malícia, inveja, o impulso a diminuir, desprezar. (Scheler, 1994, p. 29).

Este esquecimento, a violência e a alienação, muitas vezes está representada em suas memórias ressentidas, “*Ninguém gosta de índio aqui, acha que a gente mente, engana eles, Eu não, aqui eles me respeita... de repente levantou, pôs o cocar*”, que também pode tornar-se, como que combustível para determinar, direcionar suas ações. Segundo Ansart (2004), a dificuldade torna-se ainda maior ao lidar não apenas com a análise dos ódios, mas em compreender e explicar o que não é exposto, o que não é proclamado, o que é negado, e, no entanto, atua como impulso por trás das atitudes, concepções e percepções sociais, é necessário formular a hipótese do inconsciente na política em seus princípios e ações (Ansart, 2004, p. 29):

- Mas pra mim a medicina tradicional é a mais importante, eu não aprendi com o Pajé, ele não ensina, eu aprendi, com todos, com minha vó, minha tia na aldeia, com meu povo todo, até hoje em dia aprendo uma coisa aqui, ali, eu nasci assim, com esse dom de juntar folhas pra fazer remédio, o Sr. não sabe o bem que faz o Tucupi de arara pra tosse de guariba, Capeba para gordura no fígado, é bom demais...

- Eu puxo também né? Quando a pessoa chega machucada, faz muita força, a pessoa abre o peito né? Desloca as juntas, e também rasga a carne, que é a rasgadura, se a pessoa tiver fé, eu curo com óleo elétrico, oração e puxando, mas tem que puxar certo, costurar direitinho, se não pode até ficar pior, doente mesmo.

Um grupo de pessoas passam próximo, o saúdam:

- Bom dia seu Milton!!

- Bom dia...tá vendo aí? Tudo me conhece por aqui, já ajudei muita gente

- Hoje já não vem muito mais não...

- O pastor ora e cura também né? Acreditam mais nos remédios de farmácia, na dipirona, que é baratinho...

Pergunta - O Sr. frequenta a igreja evangélica?

- Vou de vez em quando, mas não muito não, acho que ficam me olhando né? Todo mundo me conhece lá, até o pastor, dia desse perguntou se eu tinha Crajiru, pra dar pra esposa dele, por que lá eu vou em busca de Deus não do homem... (José Milton Mamureteu, indígena urbano, em Manaus, 12 de julho de 2023)

As ideias se movimentam nesse diálogo entre os sagrados, entre saberes, o popular, a pajelança e o cristianismo, e a força da naturalização da sociedade liberal europeia como a única possível ou desejável, e como Mamureteu coloca como pano de fundo a sua identidade, para sobrevivência. *“E hoje eu preciso, eu preciso... você vê muitas crianças aqui, por perto com quebrante, com dor de barriga, uma senhora, um senhor, eu ajudo como posso, eu pego uma folha, eu esfrego, eu passo orando, acontece a cura né?”*, nesse processo de adaptação, nessa dialética social em que transita desconfiado sentindo a opressão do modelo naturalizado, resiste trocando em uma espécie de simbiose, quando diz que precisa por que tem que sobreviver, alimentar-se, pagar aluguel, não cobra mas não recusa, recebe em troca o que lhe oferecerem, desconfiados, mas precisam dele, de sua arte, de seu saber e prática, e entre folhas e defumação, a igreja, o culto e a oração, até mesmo o pastor, seu concorrente que ora e cura, o procura atrás das folhas, e mesmo na negação de algumas práticas, que soa de forma dúbia, renega, mas faz assim mesmo: *“Olha rapaz, eu rezo, eu faço defumação, então eu invocava, usava tesoura para passar por cima, bacia virgem, água de cachoeira, todo essas coisa, hoje eu oro né, mais meu costume nunca deixei, pego desmentidura, tudo eu faço, então depois que aceitei Jesus, já estava com 39 anos, aí eu parei de rezar, por que tava seguindo o evangelho né?”*.

Seu Walter, mas assim, depois de mim, ninguém aqui se interessa em aprender nosso costume, aqui na cidade não, tá muito moderno, muito diferente...

Pergunta- A internet?

- Também, tem tudo aqui né? (puxa do bolso seu aparelho), dia desses meu sobrinho que eu considero, me ensinou a mexer, a pesquisar, muito bom, tem tudo aqui...

Pergunta - Mas tem que pagar né?

- Por isso que não tenho o costume disso, não fico correndo atrás, é só pra caso de algum parente quiser saber de mim.

- Aqui onde moro no Valparaíso, depois de mim, acho que meu costume vai comigo pra debaixo da terra, mas só tenho isso e Deus.

Depois, agradeceu, pediu licença para sair, já eram quase 11:00 e ainda ia atrás do almoço... Tirou o cocar, guardou na sacola, pôs seu documento no bolso, (o tempo todo estava mão, gesticulando com ele), desatou a rede e foi embora. . (José Milton Mamureteu, indígena urbano, Manaus. 2023)

Antes de desatar a rede, Mamureteu reflete sobre como seus conhecimentos estão mudando, se adaptando ou se perdendo. Isolado de sua comunidade indígena

e vivendo em uma periferia urbana, ele encontrou formas de sobreviver dentro de uma modernidade progressista. Reconhece a força do mundo moderno, mas prefere sua medicina tradicional. Ao ajudar, é respeitado, ainda que com desconfiança, numa constante tensão entre sua identidade e a cultura eurocêntrica, moderna e progressista que o cerca. Suas práticas, que misturam elementos tradicionais e novos, refletem essa luta por aceitação e a busca por manter suas raízes vivas. Essa diferença cultural gera estranhamentos e preconceitos por parte das demais pessoas, que muitas vezes não compreendem a importância e a beleza de sua cultura. Nas terras indígenas, a conexão com a terra, os rios e as plantas é parte essencial da vida cotidiana. Na cidade, essas pessoas se veem privadas dessa conexão vital, muitas vezes isolados não se veem representados nos espaços de poder e decisão, sente-se excluído socialmente, mesmo quando tenta se adequar, se encaixar: Sobre frequentar igrejas, *“Vou de vez em quando, mas não muito não, acho que ficam me olhando né? Todo mundo me conhece lá, até o pastor.*

A tecnologia encaixotou o saber num pequeno aparelho que ele possui, consulta- *Também, tem tudo aqui né? (puxa do bolso seu aparelho), dia desses meu sobrinho que eu considero, me ensinou a mexer, a pesquisar, muito bom, tem tudo aqui...* às vezes, na sociedade onde vive, tudo tem um preço, e poucas vezes pode pagar, ainda prefere a troca, ele o carrega enrolado num pano, tem muito apreço por ele, tão importante para a sociedade da informação, da comunicação, são simbólico a necessidade de se fazer ouvir, de falar.

CONSIDERAÇÕES

As narrativas de Mamureteu resgatam uma trajetória da sua infância na aldeia e a chegada dos missionários cristãos, bem como sua saída, ainda criança rumo à cidade grande: Manaus, sob os auspícios de uma integração harmoniosa na sociedade, entra em choque com uma realidade que o repeliu para a margem, para a periferia, aquela cultura outrora originária de sua tribo, nele sofreu mudanças, adaptações, tornou-se um benzedor, rezador, fazedor de garrafadas, que não se vale apenas dos saberes da floresta, agregou outros saberes à sua função, agora faz defumação com cigarro, remenda rasgadura¹ utilizando tesoura e bacia virgem, cura quebranto, lendo a bíblia, frequenta culto evangélico, ressabiado, pois é visto com desconfiança pelos outros, não vive numa comunidade indígena, mora só num pedaço urbano longe do centro.

1 Rasgadura, desmentidura e quebranto são termos utilizados no contexto das tradições e saberes populares, relacionados a práticas de cura do corpo e espírito.(Maués, 1994).

Nesse contexto urbano, os indígenas não apenas preservam suas características culturais, mas também se deparam com uma variedade de influências que os levam a selecionar, reciclar e rearranjar elementos de sua herança cultural. Ao se adaptarem ao ambiente urbano, assimilam novos saberes e práticas, mesclando-os com suas tradições. Segundo Bauman, essa interação não resulta em uma perda da identidade, mas em uma reconfiguração que enriquece suas vivências.

As identidades não se apoiam na singularidade de suas características, mas consistem cada vez mais em formas distintas de selecionar/reciclar/rearranjar o material cultural comum a todas, ou pelo menos potencialmente disponível para elas. É o movimento e a capacidade de mudança, e não a habilidade de se apegar a formas e conteúdos já estabelecidos, que garante sua continuidade (Bauman, 2012, p. 52).

Essa dinâmica de transformação cultural pode ser interpretada como uma demonstração da resiliência e criatividade dos indígenas urbanos, que, ao reinterpretar suas tradições em novos contextos, não apenas preservam sua identidade, mas também a expandem.

Sob a ótica crítica da filosofia do progresso, presente nos escritos de Walter Benjamin e Theodor Adorno, as memórias de José Milton (Mamureteu), se coloca no papel de um passado não valorizado, pois não está inserido numa história linear e contínua onde a humanidade sempre progride e avança a um rumo melhor.

Seu passado é ignorado, a sua realidade torna-se complexa, atrasada pois não se encaixa caso, margeando os rios, se diluindo, transformando e adaptando seus saberes, impotente e mudo perante o progresso, como não gerar ressentimentos?

Essas feridas se manifestam através dos ressentimentos, que resulta da memória das injustiças cometidas contra ele, imposição de uma cultura dominante, violência física e simbólica sofrida e a tentativa de apagar suas tradições são apenas alguns exemplos das violências que geraram tais sentimentos.

Estes tornam-se ações, gritos sufocados, *como a da capivara lançada pela sucuri* segundo Mamureteu, vê seu saber perecendo, absorvido pela indústria, assim como o desinteresse dos mais jovens em aprender aquilo que foi ensinado pelos seus parentes, isolado na cidade, continua vivendo dos seus saberes, dialogando e se adaptando a outros, resistindo como pode.

É importante compreender que esse ressentimento não é um simples rancor, mas sim uma reação legítima à violência e opressão vivenciados pelos povos

ao longo da história. É preciso reconhecer e abordar através de um processo de escuta atenta, o resgate das memórias indígenas esquecidas, e diluídas nas cidades, essa é uma forma de validar suas experiências e de construir um futuro mais igualitário, e menos homogêneo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, MAX. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**: Trad.: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985
- ANSART, Pierre. História e Memória dos ressentimentos. In. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e Ressentimento**: Indagações sobre uma questão sensível. 2. Ed. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. 2ª. Ed. EDUSP, São Paulo, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do mundo**. 2ª ed. Vozes, 1998.
- DOSTOIEVSKI, Fiodor. M. **Uma criatura dócil**. Tradução de Fátima Bianchi. Ilustrações de Lasan Segall. Cosac & Naify, 2009.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**, tradução: Laís Teles Benoir, São Paulo: Centauro, 2006, 224 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Tema: Indígenas urbanos**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=BR&tema=4>. Acessado em: 22/10/2023.
- LOWY, Michael. **Walter Benjamin**: Aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Trad.: Wanda Nogueira, Jeanne Marie, Marcos Lutz. São Paulo: Editora Boitempo, 2005.
- MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MAUÉS, Raymundo Herald. **Medicinas populares e pajelanças caboclas na Amazônia.** In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Saúde e doença um olhar antropológico.** Rio de Janeiro, Fiocruz. 1994

MAUÉS, RAYMUNDO HERALDO & VILLACORTA, GISELA MACAMBIRA. **Pajelanças e religiões africanas na amazônia.** Belém: ED. UFPA, 2008.

NUNES, Eduardo Soares. **Aldeias Urbanas ou Cidades Indígenas? Reflexões sobre Índios e Cidades.** Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 9–30, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/8289>. Acesso em: 20 out. 2023.

RISIU. Red de Investigaciones sobre Indígenas Urbanos. **Indígenas em contextos urbanos no Brasil e os impactos da pandemia da Covid-19.** Relatório. 2020. Disponível em: <https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/handle/bvs/3448>. Acesso em 20 out. 2023.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Trad. Lólio Lourenço. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

SCHELER, MAX. **Ressentiment.** Milwaukee, Wisconsin, Edited by Manfred S. Frings. 1994.